

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIA. COMEMORAÇÃO DE ANTERO DE QUINTAL.

CARVALHO, Joaquim de

Ano: 1942 | Número: 52

Como citar este documento:

CARVALHO, Joaquim de, Conferência. Comemoração de Antero de Quintal. *Revista de Guimarães*, 52 (3-4) Jul.-Dez. 1942, p. 276-288.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Comemoração de Antero de Quental

A Sociedade Martins Sarmento não deixou findar o ano de 1942 sem prestar o seu culto de homenagem ao Eminente Poeta Antero de Quental, em comemoração do primeiro centenário do seu nascimento. Essa homenagem requeria a lição de um grande anterianista. E, assim, em boa hora convidou o ilustre Professor da Universidade de Coimbra, Sr. Dr. Joaquim de Carvalho, para realizar uma conferência sôbre essa extraordinária Figura de Poeta e de Filósofo.

A conferência, da mais elevada expressão cultural, foi ouvida religiosamente por um público distinto, que soube premiar com quentes aplausos um trabalho cheio de beleza e de superior erudição.

Realizou-se no dia 12 de Dezembro, sob o título: *Antero de Quental; as suas concepções da vida*. Presidiu o Sr. Dr. João Rocha dos Santos, Presidente da Câmara, secretariado pelos Srs. Drs. José Francisco dos Santos, Reitor do Liceu, e Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Soc. M. S., que apresentou o conferente com grande justeza de palavras e com muito brilho.

A conferência não foi lida nem recitada, decorrendo à maneira de «uma conversação em voz alta»; não obstante, obedeceu ao encadeamento de algumas idéias, das quais damos os seguintes tópicos capitais:

As primeiras palavras do conferente foram de profundo pesar pela tragédia que recentemente enlutou Guimarães, de agradecimento ao Sr. Dr. A. Ferreira da Cunha pela generosidade com que o apresentou à Sociedade Martins Sarmento, «à qual muito se honra

de pertencer e de haver servido sempre que para isso teve ensejo», de reconhecimento ao Sr. Presidente da Câmara, Sr. Dr. J. Rocha dos Santos, pela distinção que lhe confere presidindo à mesa de honra, e, finalmente, de afectuosa recordação do ilustre consócio Dr. Feliciano Ramos, cujos estudos críticos são já inseparáveis da obra anteriana, e a quem forçada e distante ausência impede de se associar de viva voz a êste serão.

Antero é, por excelência, um escritor actual, começou dizendo; quaisquer que sejam as nossas parcialidades ou querelas, sempre encontramos nêle a ressonância, a réplica ou a vibração das nossas mais profundas inquietudes intellectuais. Exigua pela quantidade, a sua obra é vasta qualitativamente, permitindo como poucas a diversidade dos pontos de vista e a variedade dos temas, ou melhor da incidência das nossas reflexões e estudos.

Forçado a fixar, pelo limite do tempo, um têmea de alguma amplitude, e para se não perder no debuxo impreciso, o conferente iria ocupar-se das concepções da vida, não abstractamente, isto é, no aspecto estritamente lógico, de coerência interna, sistemático ou critico, mas humanamente, vitalmente, como fundamento e projecção das *três vidas* que Antero viveu em espírito.

E' que a vida espiritual do nosso poeta-filósofo não foi uniforme, nem linear; teve cisuras no seu curso e sofreu desvios na direcção das tendências e na interpretação metafísica da existência. Essas três vidas podem definir-se como a do *homem novo*, a do *desesperado* e a do *sages* ou filósofo, e têm como marcos capitais ou expressões, respectivamente, as *Odes modernas*, os *Sonetos* dos três últimos ciclos, e as *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*, ou, por outras palavras, o manifesto da juventude, a desilusão do pessimista, e o breviário do filósofo.

*

* *

Das duas tradições familiares, a religiosa e a de «espírito-forte», foi aquella que modelou a formação

moral de Antero até à sua vinda para Coimbra. E' aqui que, verdadeiramente, nasce e se constroe ideologicamente o «homem-novo», desprendido de tradições. Era então um rapaz fisicamente perfeito, robusto, saudável, com alegria de viver; como estudante, folga e diverte-se como os seus camaradas, com alguns dos quais cria amizades profundas e inalteráveis, como escritor, a partir de 1860, colabora em quasi todos os jornais literários dos estudantes, e como leitor e curioso de idéias, lança-se, mediante a língua franceza, à procura do mundo novo que se descobria nos escritos de historiadores, filósofos e sociólogos, designadamente, Michelet, Strauss, Hegel, Vera, Proudhon, etc.

Como incola deste mundo visionário, a vida interior de Antero vai expandir-se de duas formas: negativamente, pela crítica dos valores éticos, políticos e estéticos que, *grosso modo*, depois da «Regeneração», dominavam na sociedade portuguesa, e positivamente, pela defesa e propaganda dos novos valores. Em síntese, pode dizer-se que ao patriotismo da grande geração romântica de poetas e políticos opunha o amor da humanidade, aos valores ético-religiosos tradicionais, a filosofia idealista, de origem hegeliana, ao culto da individualidade, inerente ao liberalismo, a confiança nas massas e na realidade do «espírito objectivo», ao anelo da estabilidade das instituições sociais, a concepção, colhida em Michelet, de que a História é o teatro da luta da liberdade contra a fatalidade, e a crença de que a Humanidade atingira uma viragem decisiva onde dealbava já a aurora de uma época incipiente.

Com este ideário, mais activo que especulativo, a sua vida, após a formatura em Direito em 1864, vai expandir-se na ânsia de fazer baixar as novas idéias do páramo ideal para a realidade quotidiana.

A primeira manifestação foi essencialmente literária: primeiro, poéticamente, em Agosto de 1865, com as *Odes modernas*, onde a poesia, por assim dizer, se converte em tribuna política, e, depois, em Novembro, panfletariamente, com a famosa carta a Castilho — *Bom-senso e bom gosto*, estética e criticamente o processo das atitudes literárias então como que consagradas.

Com estes manifestos da idéia nova, e com as polémicas e paixões que elles deflagraram, o nome de

Antero ultrapassou a roda dos amigos de Coimbra para se divulgar pelo País. Com a difusão do nome e da bandeira que êle arvorava surge nova forma de acção, essencialmente política e social.

Por influência de Proudhon e, sobretudo, por impulso ético, perdera a confiança nas vantagens e nas virtudes do regime económico liberal, e convertendo-se ao socialismo inicia entre nós uma forma inédita e corajosa de coerência moral e, sobretudo, de experiência humana e social. Harmonizando os actos com as palavras, faz-se operário, saindo nos fins de 1866 para Paris, onde vai exercer o ofício de tipógrafo, aliás, fugazmente, pois regressa em 1867, sendo aqui em Guimarães, na quinta de Sant'Ana, próximo do mosteiro da Costa, que faz a cura de repouso, que não das ilusões. E assim é que a malograda experiência de proletário, em vez de o descoroçoar, incita-o a prosseguir e a diversificar a acção, defendendo em 1868 o iberismo no *Portugal perante a revolução de Espanha*, organizando, em 1870, sociedades operárias e dirigindo com Oliveira Martins o jornal *A Republica*, promovendo, em 1871, as conferências do Casino, onde pronuncia a *Causa da decadência dos povos peninsulares*, fundando, em 1872, com aquele fraterno amigo o *Pensamento social* e preparando o *Programa de trabalhos para a geração nova*, que nunca concluiu.

A descarnada indicação destes factos é suficiente para mostrar claramente que Antero foi neste período da sua vida um optimista, crente no futuro da Humanidade e no valor intrínseco e activo das idéias. Para prova, bastam os Sonetos do 3.º ciclo (1864-1874), pois exprimem admiravelmente a alacridade de um espirito seguro e senhor de si, o *indomato amore* de uma alma consciente da sua missão. A hora meridiana, estuante de vida, é, então, o símbolo da sua actividade espiritual, cujos ideais e aspirações podem sintetizar-se nestes versos do 3.º soneto de *A Ideia*:

Fôrça é pois ir buscar outro caminho!
Lançar o arco de outra nova ponte
Por onde a alma passe...

*

* *

O *homem novo*, de cuja plenitude vital e moral brotaram êstes versos de prospectiva vibração, sucumbiu, após 1874, perante a marcha veloz e avassaladora da desilusão, da descrença e da abulia. Começa então uma nova fase da sua vida interior, sem dúvida a mais impressionante, porque na nossa história literária da sensibilidade doentia, onde ressoam perduravelmente poetas da tristeza, do destêrro, da melancolia, da amargura, da «agonia» do sentimento vital com a aproximação da morte, ninguém como Antero deu mais profunda, penetrante e bela expressão ao sentimento da desvalia da existência e da vida.

Há quem, atentando predominantemente no suicídio do poeta, considere esta fase da sua vida interior, de *desesperado*, como definitiva e terminal, mas êste juízo não é exacto porque o desespêro e o pessimismo de Antero conhecem datas, mais ou menos precisas — os anos de 1874 a 1880.

Por 1874, Antero adoeceu gravemente, e nenhum médico, nacional ou estrangeiro, parece ter diagnosticado a doença, que, retrospectivamente, Raúl Bensaúde atribuiu a conseqüências do estreitamento do piloro.

Fôsse qual fôsse, porém, a causa e a natureza da doença, psicologicamente ela traduziu-se pela rutura do equilibrio entre o pensamento e a acção, como que cindindo a sua personalidade em dois homens — o *homem-novo* que havia sido, pujante de actividade, confiante nas idéias e que se esforçava por perseverar, e o *desesperado* de agora, que reconhecia a inutilidade e a própria incapacidade para as batalhas do espirito, por íntima dolência das raízes e móbeis da acção.

Estes dois homens coabitavam, mas não se reconheciam, porque se opunham num trágico diálogo interior, cuja expressão literária é dada pelos sonetos do 4.º ciclo (1874-1880). Vive então sob o signo da

desilusão, e a sua mundividência torna-se pessimista. Nesta crise e no novo curso dos seus sentimentos e idéias não deve ver-se a réplica vingativa nem a maldição de um doente que perdera a esperança da cura, porque para Antero não era apenas o seu corpo e a sua inteligência dialéctica que sofriam; a sua dor afigurava-se-lhe apenas um episódio anedótico da própria dor inerente à consciência humana e a todo e qualquer modo de existência. Isto significa que o pessimismo de Antero procede de desvalia intelectual, e com efeito os primeiros anos da marcha da doença acompanharam-se de novo curso de leituras (1876-1882, *grosso modo*), nas quais cumpre salientar alguns escritos sobre o Budismo e, sobretudo, de Eduardo de Hartmann, especialmente a *Filosofia do Inconsciente* e a literatura alemã e francesa relacionada com êste livro então muito discutido. A impressão destas leituras foi profunda, tão profunda que pode falar-se de uma verdadeira intoxicação intelectual, mediante a qual, para empregar o vocabulário da psicanálise, se desencadeou a virulência de complexos latentes na pre-consciência e se operou a transposição para a ordem emocional de conceitos e atitudes racionais. Nesta nova mundividência, ou visão do universo e da vida, em oposição com a alacridade anterior, Antero via agora em tôdas as coisas a acção maquiavélica de uma natureza essencialmente má, cujo espectáculo lhe insinuou a idéia da irracionalidade do ser, sob a forma do «humorismo transcendente», na feliz expressão de Oliveira Martins.

A vida é despojada de tudo quanto é desejável e valioso, e o fluir do tempo surge-lhe como a geração ininterrupta da

Dor, pecado, ilusão, lutas horríveis
Num turbilhão cruel e delirante.

O Sol já não aquece as suas afirmações de panfletário nem ilumina as suas visões de profeta, porque a luz é o

Símbolo... da universal traição.

A claridade ofende-o, e é na escuridão, isto é, na renúncia absoluta, que tateia a imagem fria e repelente da vida :

Noite, vão para ti meus pensamentos,
Quando olho e vejo, à luz cruel do dia,
Tanto estéril lutar, tanta agonia,
E inúteis tantos ásperos tormentos.

.....

Oh ! antes tu também adormecesses
Por uma vez, e eterna, inalterável,
Caindo sôbre o mundo, te esquecesses,

E êle, o mundo, sem mais lutar nem ver,
Dormisse no teu seio inviolável,
Noite sem termo, noite do não-ser !

Esta noite do não-ser, destruindo o eu e a consciência era a libertação ; por isso, concebe a morte, de harmonia com o «repouso inalterável» das coisas, como o desiderato supremo :

¿ Quem sois vós, peregrinos singulares ?
Dor, Tédio, Desenganos e Pesares...
Atrás dêles a Morte espreita ainda...

Conheço vos. Meus guias derradeiros
Sereis vós. Silenciosos companheiros,
Bemvidos, pois, e tu, Morte, bemvinda !

O soneto *Homo*, publicado em 1875, é admirável expressão das suas dúvidas acerca da natureza humana :

Nenhum de vós ao certo me conhece,
Astros do espaço, ramos do arvoredo,
Nenhum adivinhou o meu segrêdo,
Nenhum interpretou a minha prece...

Ninguém sabe quem sou... e mais, parece
Que há dez mil anos, já, neste degrêdo,
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo
E me contempla a aurora que alvorece...

Sou um parto da Terra monstruoso ;
Do húmus primitivo e tenebroso
Geração casual, sem pai nem mãe...

Mixto infeliz de trevas e de brilho,
Sou talvez Satanaz ; — talvez um filho
Bastardo de Jeová ; — talvez ninguém !

Este soneto condensa, com efeito, várias e antagónicas concepções da essência da natureza humana, sobre tôdas derramando a mesma dúvida indiferente e cruel. Invoca a concepção pessimista

Sou um parto da Terra monstruoso ;

a concepção evolucionista,

Do húmus primitivo e tenebroso
Geração casual, sem pai nem mãe...;

a concepção, a um tempo religiosa e filosófica, do composto humano,

Mixto infeliz de trevas e de brilho,

e, finalmente, deformada, a concepção bíblica,

.....talvez um filho
Bastardo de Jeová ;.....

mas sôbre tôdas estas concepções estende a dúvida gelada, porque ninguém desvendou o *segrêdo* da existência humana,

Nenhum interpretou a minha prece...

Foi esta carência de uma antropologia filosófica firme que franqueou o acesso à filosofia pessimista, especialmente a de Eduardo de Hartmann, cujas idéias o seu espírito repensou como juízo de valor meditado e impessoal; mas êste pessimismo como que nascera ferido de morte porque, além da intoxicação de leituras, revestiu essencialmente uma forma de reacção

contra a sensação de «suspensão de consciência» a que alude na carta autobiográfica a W. Storck e que, com veemente repulsa, considerava a implacável consequência da filosofia naturalista.

*

* *

Antero viveu, no entanto, durante alguns anos, com plena sinceridade, pela emoção e pelo raciocínio, esta concepção desvaliosa e destrutiva da vida, mas o seu espirito reflexivo não se quedou no pessimismo. Confessou-o a W. Storck e disse-o expressamente a Jaime de Magalhães Lima, numa carta de 1886, ao escrever-lhe que «o pessimismo não é um ponto de chegada, mas um caminho. E' preciso passar por êle, mas justamente para sair dêle.»

Temos, assim, a expressa declaração de haver superado o pessimismo por uma valoração positiva da existência, e esta valoração constitue a sua derradeira concepção da vida.

Psicológica e filosoficamente, a libertação do pessimismo pela apreensão de valores e de idéias que conferem sentido positivo à existência tem duas expressões capitais: primeiro, os sonetos do 5.º ciclo, escritos entre 1880-1884, o seu testamento de poeta, depois, o ensaio sôbre as *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*, o seu testamento de prosador e de filósofo.

Nos sonetos, a primeira manifestação da desintoxicação do pessimismo dá-se com a apreensão da realidade metafísica, ou antes, como êle disse a Lôbo de Moura, «com o culto da existência supra-sensível», expresso no soneto *Transcendentalismo*:

Já sossega, depois de tanta luta,
Já me descansa em paz o coração.

.....
.....

Não é no vasto mundo — por imenso
Que êle pareça à nossa mocidade —
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esfera do invisível, do intangível,
Sobre desertos, vácuo, soledade,
Voa e paira o espírito impassível !

Antero concebe então — confessa-o nas *Cartas* e este soneto é a prova — a filosofia como valor prático, e como Marco Aurélio e Espinosa aspira a dizer que a sua filosofia é a sua religião. Esta filosofia é então apenas intuitiva, se por intuição entendermos somente a réplica afectiva e quasi imediata as interrogações das coisas. O seu conteúdo, negativamente, isto é, pelo repúdio da tendência monopolizadora da razão, é transparente, mas no aspecto positivo reveste formas várias, fluídas, sem substantividade duradoira. Alguns sonetos dêste ciclo representam a concretização destas intuições passageiras do sentido da vida —, são os marcos da sua *via purgativa*, da nostalgia das verdades eternas e das confianças resolutas; em nenhum, porém, a valorização da existência tem um sentido tão nítido como no *Solemnia verba*:

Disse ao meu coração : Olha por quantos
Caminhos vãos andámos ! Considera
Agora, desta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos . . .

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos !
E noite, onde foi luz de primavera !
Olha a teus pés o mundo e desespera
Semeador de sombras e quebrantos — !

Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu : Desta altura vejo o Amor !
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dor.

Este soneto derrama ainda melancolia, mas revela claramente a emancipação da filosofia pessimista, porque transmite sentimentalmente uma atitude prospectiva

e não só afirma um valor positivo senão que denuncia
o exercício discursivo da razão

.....desta altura fria e austera,

que julgou errado o curso da vida anterior,

.....por quantos

Caminhos *vãos* andamos!

O decurso da sua existência e do seu pensamento
surge-lhe como sucessão de oposições, senão contra-
dições,

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!

E noite, onde foi luz de primavera!

mas agora, da «altura fria e austera», descobria um
horizonte novo, no qual o «coração»

.....feito valente

Na escola da tortura repetida,

E no uso do penar tornado crente,

via, como essência da vida, o *amor*.

«Se é isto a vida», isto é, se a compreendeu no
decurso cambiante dos contrastes, das esperanças e das
decepções, a experiência e a meditação da dor revela-
ram-lhe o segredo da unidade da existência, e portanto

Viver não foi em vão.....

Nem foi de mais o desengano e a dor.

Nesta dialéctica, o amor reveste a forma de uma
explicação monista da vida, e conseqüentemente o seu
conceito não se define biologicamente, como instinto
genésico, nem platonicamente, como ascensão à Beleza
que não morre, ou identificação do amante e do amado.
E' a própria essência metafísica da existência, que se
manifesta afectivamente como sentimento de identidade
universal e intelectualmente como unidade de apercep-
ção, concentrando e dominando tôda a diversidade.

Por esta unidade se realiza uma espécie de inser-
ção do pensamento na vida: a vida não é só caótica
e má, só ordenada e boa. E' uma e outra coisa, por-

que esta fenomenologia não é mais do que a manifestação de uma única essência, o amor.

«...*Du jeune jacobin de 1864 il ne reste guère plus que la peau d'un vieux philosophe, sachant trop bien que la colère, même la colère de la justice, est encore un reste d'ignorance, et que le monde ne sera définitivement sauvé que par la Raison sœur jumelle de l'Amour*», escreveu em 1884 a Tommazzo Cannizzaro, e ao mesmo poeta italiano, no ano seguinte: «*Pour nous autres, pauvres poètes, la névrose est inexorable, si nous ne savons pas lui opposer le plus grand calme de l'imagination et des sens: il faut que la force d'idéalité absorbe toutes les autres et triomphe des nerfs par l'esprit pur.*»

Antero conquistou assim, uma intuição monista da existência, pela qual superou o pessimismo: o mundo já não lhe aparece como plural, nem dual, como no maniqueísmo da intoxicação pessimista, mas uno na sua essência espiritual, verdadeiramente universo, e no qual é possível, mediante a dissolução do egoísmo pela renúncia, idéia expressa no soneto *Na mão de Deus*, a conquista da eternidade pela

.....comunhão ideal do eterno Bem.

(*Com os mortos*)

Em Vila do Conde, onde passou os últimos anos que viveu no Continente, a sua vida simples, humilde, caritativa, de «santo laico», correspondeu a esta paz interior, e a sua meditação solitária e íntima ambicionou exprimir filosoficamente, de maneira consistente e coerente, «a direcção do Pensamento europeu, o Norte para onde se inclina a divina bússola do Espírito humano», como escreveu a Storck.

Escreve então o seu testamento de filósofo — *As tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*. Esta filosofia, de fortes raízes hegelianas, compreende uma interpretação da natureza, uma teoria do conhecimento e uma moral, mas só esta exprime a índole das suas reflexões e define cabalmente a essência da sua derradeira concepção da vida:

«...A consciência do justo é o único templo do único Deus; e, nesse templo, a renúncia ao egoísmo é

o único culto. Cessasse um só instante êsse culto, êsse holocausto do egoísmo nas aras do ideal, e imediatamente tôda a vida moral se suspenderia: no instante seguinte ter-se-ia dissolvido.

«O mundo moral só subsiste por esta renúncia. Ela enche de intrepidez o coração dos heróis, de constância a vontade dos justos, de unção a alma dos santos. Ela dá aos simples a candura e a graça; dá aos humildes a dedicação sem alardes, a uns e a outros o perfume da virtude que se ignora. Ela é a inspiradora secreta da grande arte como do grande pensamento. Essa pouca justiça, que consegue penetrar neste mundo de luta, cegueira e egoísmo, vem tôda dali, porque só ali tem a sua raiz profunda. Superior ao destino, vencedora da fatalidade, mais profunda do que tôda a ciência e tôda a especulação, só ela torna patente o íntimo segredo das coisas e é, em si mesma, a única verdade evidente, o único saber sem dúvidas nem obscuridades. Ela vence a morte, porque faz compreender a significação do êxito final e apreciar quanto êle vale. Se pois a perfeita virtude, a renúncia a todo o egoísmo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim último do universo, concluíamos que a santidade é o têrmo de tôda a evolução, e que o universo não existe nem se move senão para chegar a êste supremo resultado.

«O drama do ser termina na libertação final pelo bem.»